

Um novo cenário: estudos de literatura brasileira no exterior

João Cezar de Castro Rocha

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Conexões – Itaú Cultural)

Introdução

Esta apresentação tem como finalidade propor análises derivadas do mapeamento realizado no âmbito do projeto “Conexões Itaú Cultural – Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira”.

Duas palavras, breves, acerca do projeto.

Iniciado em 2008, o “Conexões Itaú Cultural” é animado por um objetivo ambicioso: criar um espaço de reflexão e debate, estimulado pelo desenvolvimento de um banco de dados inédito sobre o alcance da literatura brasileira no exterior.

Ora, quem são os profissionais que se dedicam à literatura brasileira no exterior? Qual o seu perfil? Há um perfil dominante ou devemos ampliar a pergunta? Isto é: quais são os seus perfis? Como se interessaram pela literatura brasileira? Como se mantêm informados acerca dos últimos lançamentos? São na maioria professores universitários? Como aprenderam português? Podemos identificar seus autores ou autoras favoritos? E seus temas atuais de pesquisa? Quais as suas sugestões para incrementar a presença da literatura brasileira no exterior?

A fim de colher respostas para essas e muitas outras perguntas, um questionário foi elaborado e o processamento dos questionários deu origem a um banco de dados. Portanto, *a criação desse banco de dados representou o ponto de partida necessário do projeto*, cuja meta é a produção de um banco de dados inédito sobre a atuação de profissionais dedicados à literatura e à cultura brasileira no exterior.

Até janeiro de 2015,¹ 324 profissionais foram mapeados e os seus questionários já se encontram processados no banco de dados do projeto. Uma versão reduzida pode ser consultada através da página do “Conexões Itaú Cultural” na internet.²

¹ Ressalvo que os dados encontram-se em permanente mudança, em virtude do cadastramento de novos mapeados.

² Ver: <http://conexoesitaucultural.org.br/parceiros/>.

Ademais, o mapeamento proposto possui uma importante novidade, representada por seu alcance. Nele, estarão incluídos de professores universitários a tradutores, de editores a bibliotecários, abarcando ainda um roteiro de instituições e agentes interessados na divulgação da literatura brasileira no exterior: centro de estudos, fundações públicas ou privadas, editoras e agências literárias, jornalistas e promotores culturais.

4 pontos fundamentais

Nesta apresentação, trataremos de quatro pontos – e sempre partindo da mesma fonte, o banco de dados do projeto:

1. A ampliação do conceito de literatura, a fim de abranger manifestações da cultura audiovisual e digital, isto é, a atual hegemonia do conceito de cultura como elemento aglutinador de diversas pesquisas;

2. uma tendência, sobretudo nos Estados Unidos, de valorização de estudos de literatura comparada, correspondendo ao esforço de criação de um perfil mais completo de “latino-americanista”;

3. a necessidade de rever o conceito de “brasilianista”;

4. a importância do banco de dados como diagnóstico potencial do momento presente.

É importante reiterar que esses quatro pontos foram integralmente derivados do banco de dados do projeto “Conexões Itaú Cultural – Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira”.

Em outras palavras, as reflexões apresentadas a seguir devem ser compreendidas como uma elaboração sistemática das informações contidas no banco de dados – tratemos, portanto, desse acervo *em construção*.

O destaque justifica-se, pois, idealmente, o banco seguirá em expansão; desse modo, é sempre necessário assinalar o caráter dinâmico do projeto e, portanto, das observações que proponho neste texto.

O banco de dados

Começo apresentando alguns elementos fundamentais extraídos do banco de dados. Num segundo momento, proporei algumas hipóteses, derivadas da interpretação daqueles elementos. De imediato, porém, farei apenas breves comentários, a fim de esclarecer questões pontuais.

Vejamos, em primeiro lugar, o local de atuação dos “brasilianistas”, identificando os pontos de concentração dos estudos de literatura brasileira no exterior. Destaco os dez resultados mais expressivos:

Estados Unidos – 105

Brasil – 30

Alemanha – 26

França – 24

México – 18

Itália – 18

Espanha – 16

Argentina – 15

Portugal – 15

Inglaterra – 13

Em princípio, poucas surpresas.

Os Estados Unidos continuam sendo o grande centro do “brasilianismo”, uma vez que o sistema universitário norte-americano possui mais recursos para pesquisa, oferecendo o mercado de trabalho com maior capacidade de absorção de profissionais. A Europa vem logo depois, como se esperava – até aqui os dados apenas confirmam o que já se sabia.

Porém, um dado interessante, mesmo inesperado, é o surgimento de uma nova geração de “brasilianistas” hispano-americanos, com destaque para o crescimento significativo dos números de especialistas em literatura brasileira no México e na

Argentina. Para efeito de informação, apresento os dados relativos a outros países hispano-americanos:

Chile – 6

Colômbia – 2

Paraguai – 2

Uruguai – 2

Venezuela – 1

Aproveitamos para destacar um cuidado metodológico elementar: esses dados não têm valor absoluto, antes se referem aos profissionais *que aderiram ao projeto através do preenchimento do questionário* – o que atualmente pode ser feito eletronicamente.³ Nesse sentido, um de nossos objetivos permanentes é aumentar o número de mapeados, a fim de esboçar de um retrato mais fidedigno da atual situação da presença da literatura brasileira no exterior. Portanto, os dados e as reflexões deles derivadas possuem valor relativo, mas, ainda assim, autorizam um conjunto de conclusões relevantes acerca da presença atual da literatura brasileira no exterior.

Outro esclarecimento necessário: *o dado relativo a 30 brasilianistas residindo no Brasil* pode ser mais bem compreendido em comparação com o dado referente às instituições dos mapeados. Nesse item, consta a presença de tradutores autônomos, ou seja, sem filiação institucional. Em outras palavras, é muito comum encontrar tradutores, *estrangeiros*, mas *residentes no Brasil*. Muitas vezes, são os tradutores mais solicitados, em virtude de sua familiaridade não apenas com o idioma, mas sobretudo com fatores culturais que se revelam decisivos para o desempenho da *tarefa do tradutor* – para recordar a célebre expressão de Walter Benjamin.

Destaque-se, agora, o tipo de atuação dos mapeados:

Professor-Pesquisador – 131

Professor-Pesquisador-Tradutor – 127

Tradutor – 65

³ Eis o modelo do questionário eletrônico:
http://www.surveymonkey.com/s/questionario_conexoes.

É interessante observar o modelo que tende a tornar-se hegemônico, isto é, o caso do professor que concilia pesquisa e tradução; esse perfil é dominante, sobretudo, entre os especialistas mais jovens. Em alguma medida, como veremos adiante, ao identificar os temas de pesquisa, essa tendência possui uma contrapartida importante *no delineamento de um novo tipo de profissional, cujo treino é cada vez mais comparativo* – discutirei essa questão posteriormente.

Eis, agora, a primeira grande surpresa derivada do banco de dados. Consultem-se os números relativos ao país de nascimento dos mapeados:

Brasil – 88
Estados Unidos – 49
Alemanha – 26
Argentina – 23
Itália – 20
México – 17
Espanha – 14
França – 13
Portugal – 11
Inglaterra – 8

Em primeiro lugar, assinale-se o elemento que salta aos olhos: muito ao contrário da aceção tradicional do “brasilianista”, ou seja, um *estrangeiro* que se especializou no estudo de certos aspectos da cultura brasileira, hoje em dia, o perfil majoritário do “brasilianista” é o do *próprio brasileiro que se profissionalizou em instituições no exterior*. Adiante, tratarei desse dado, mas já adianto que *se trata de uma das principais contribuições do “Conexões – Itaú Cultural” para a renovação do entendimento da presença da literatura brasileira no exterior*.

Nesse sentido, é muito reveladora a comparação entre as duas tabelas – a do local de atuação e a do país de nascimento.

Vejamos.

Dos 105 profissionais que se dedicam à literatura brasileira em instituições universitárias norte-americanas, mais da metade, isto é, 56, nasceram em outros países, o que reitera o papel da universidade nos Estados Unidos de absorção de profissionais altamente qualificados. Já no México e na Itália, em geral, observa-se a formação consistente de novos “brasilianistas” locais, por assim dizer. Dos 18 “brasilianistas” mexicanos, 17 nasceram no país; todos os 18 italianos mapeados nasceram na Itália. Esses dados confirmam uma longa tradição, nesses dois países, de estudos de literatura brasileira.

Os números da Argentina e da Alemanha apresentam uma semelhança que merece destaque: são os dois países, junto com o Brasil, que mais “exportam” especialistas em literatura brasileira.

Limitamo-nos, agora, a uma decodificação deliberadamente elementar desses dados. Contudo, suas consequências são potencialmente decisivas e serão discutidas na última parte desta apresentação.

Outra pergunta do questionário merece destaque: “Tem interesse pela literatura produzida a partir dos anos de 1980?”

Dos mapeados, 273 responderam sim. De fato, como apontamos, os professores e pesquisadores mais jovens muito se esforçam para acompanhar a literatura e contemporânea; no exterior, ao que tido indica, a atualização é um valor relevante e, em alguma medida, pode ajudar a mitigar a sensação de distância em relação à cultura brasileira. Seria interessante colocar em paralelo essa nova geração de “brasilianistas” com uma geração igualmente jovem de autores e que começa a ocupar um espaço importante na atual cena literária.

Essa hipótese conhece uma materialização muito importante, explicitada numa comparação entre dois bancos de dados, *colocando em paralelo os estudos de literatura realizados no exterior e no Brasil* – e com resultados surpreendentes.

Recordem-se, então, *os autores mais citados pelos mapeados:*

Machado de Assis – 154

Clarice Lispector - 136

Guimarães Rosa – 105

Jorge Amado – 93

Carlos Drummond de Andrade – 72

Graciliano Ramos – 74
Mário de Andrade – 73
Rubem Fonseca – 72
Oswald de Andrade – 65
Chico Buarque – 65
Milton Hatoum – 63

Comparem-se, agora, esses dados com os da pesquisa conduzida por Laetícia Jensen Eblen, “Autores mais citados nos currículos disponíveis da Plataforma Lattes do CNPq”. *A pesquisadora consultou o currículo de 2176 professores e pesquisadores.* Eis os resultados:

Machado de Assis – 122
Guimarães Rosa – 100
Clarice Lispector – 63
Graciliano Ramos – 54
Mário de Andrade – 44
Carlos Drummond de Andrade – 42
Lima Barreto – 35
João Cabral de Melo Neto – 33
Murilo Mendes – 30
José de Alencar – 28

Duas diferenças se impõem à primeira vista.

De um lado, entre os 10 autores mais citados: os mapeados do projeto “Conexões – Itaú Cultural” indicaram dois autores “vivos”, enquanto no banco de dados do CNPq nenhum autor em atividade comparece. Dessa diferença, que em aparência vale pouco, uma distinção de peso se insinua.

Trata-se, pois, de dado significativo: proporcionalmente, os mapeados do banco de dados do “Conexões – Itaú Cultural” citam muito mais os autores contemporâneos do que os pesquisadores brasileiros ou residentes no Brasil.

Além disso, os “brasilianistas” incluem mais decisivamente os autores contemporâneos em suas pesquisas. Tal aspecto se relaciona, profundamente, com a mudança radical do conceito de “brasilianismo” – hipótese que proponho a partir do banco de dados do projeto, e que representa um ganho real de nossa pesquisa.

Como vimos, foi identificado um número crescente de brasileiros trabalhando no exterior. Talvez como forma de manter-se integrado ao cotidiano brasileiro, o profissional se mostre particularmente preocupado com manifestações contemporâneas da cultura. Ademais, reitera-se o que propomos: em instituições estrangeiras, a *atualização com os últimos acontecimentos culturais pode assegurar um importante capital simbólico*. Pelo contrário, os professores afiliados a instituições brasileiras parecem mais comprometidos com o *cânone, garantia de legitimação do próprio trabalho de pesquisa*.

Contudo, não se pense que o estabelecimento do cânone conhecerá uma divergência acentuada entre as duas situações, pois, de outro lado, seis nomes se repetem nas duas listas, o que permite observar um repertório comum, derivado do universo do ensino e da pesquisa, seja no Brasil, seja no exterior.

Eis os nomes consagrados pelas duas listas: **Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade**. E mais: os nomes se repetem em posições, certamente não idênticas, mas muito semelhantes! *Esse dado é de grande relevância* e adiante retornarei a ele ao discutir a necessidade de renovação do conceito de “brasilianismo”.

Em outras palavras, a distância que no passado parecia separar o “brasilianista” do pesquisador brasileiro, ou residente no país, converteu-se, hoje em dia, em diálogo constante e potencialmente transformador.

A distinção principal, nesses seis nomes, refere-se à inclusão de Jorge Amado entre os mapeados do “Conexões – Itaú Cultural”; na lista do CNPq, ele é substituído por Mário de Andrade. Ainda mais, nessa última lista, o autor de *País do Carnaval* nem sequer é mencionado. Diferença reveladora, cujo desenvolvimento exigiria outra apresentação, porém devemos pelo menos recordar a importância central de Gilberto Freyre e Jorge Amado – especialmente a partir de *Gabriela, Cravo e Canela* – para a formação de um imaginário estrangeiro acerca do Brasil.⁴ Em alguma medida, esse aspecto colabora para a

⁴ O tema é fascinante e foi tratado em pelo menos dois livros relativamente recentes. Ilana Seltzer Goldstein. *O Brasil best-seller de Jorge Amado*. Literatura e identidade nacional. São Paulo: Editora SENAC, 2003. Keith H. Brower, Earl Fitz e Enrique Martínez-Vidal (orgs.). *Jorge Amado – New Critical Essays*. New York & London: Routledge, 2001. Este livro conta com 18 ensaios e

permanência de Amado como referência inevitável nos estudos de literatura brasileira no exterior. E, pelo avesso, por muito tempo condenou sua obra a uma espécie de “quarentena” nos estudos literários nas universidades brasileiras.

Para aprofundar essa comparação inicial, vale a pena estabelecer outro paralelo.

Eis os autores em atividade mais citados pelos mapeados do projeto “Conexões Itaú Cultural – Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira”:

Rubem Fonseca – 72

Chico Buarque – 65

Milton Hatoum – 63

Antonio Candido – 53

Bernardo de Carvalho – 49

Luiz Ruffato – 47

Roberto Schwarz – 41

Silviano Santiago – 39

João Gilberto Noll – 36

Paulo Coelho – 34

Paulo Lins – 34

Ferreira Gullar – 34

Raduan Nassar – 33

Lygia Fagundes Telles – 33

Dalton Trevisan – 31

Alfredo Bosi – 29

Nélida Piñón – 27

Comparem-se com os dados da pesquisa de Laeticia Jensen Eblen:

Milton Hatoum – 22

Rubem Fonseca – 20

nenhum deles foi escrito por um professor ou professora trabalhando em universidades brasileiras. Para esse tema, é valiosa a colaboração de Piers Armstrong, *Third World Literary Fortunes – Brazilian Culture and Its International Reception*. London: Associated University Press, 1999.

Manoel de Barros – 18

Chico Buarque – 13

João Gilberto Noll – 11

Adélia Prado, Ferreira Gullar, João Ubaldo Ribeiro, Silviano Santiago – 9

Ana Miranda, Bernardo Carvalho, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles – 8

Ariano Suassuna, Dalton Trevisan, Lygia Bojunga Nunes, Nélida Piñon, Raduan Nassar – 7

Augusto de Campos, Sérgio Sant’Anna – 6

Francisco Alvim, Marina Colasanti – 5

Proporcionalmente, a diferença não poderia ser maior e parece confirmar a intuição anterior: em termos comparativos, *o estudo da literatura brasileira contemporânea é, proporcionalmente, mais desenvolvido no exterior do que no Brasil.*

Além disso, os mapeados do “Conexões – Itaú Cultural” incluem ensaístas e críticos literários entre os autores mais citados em seus cursos e pesquisas, o que não ocorre na lista derivada do banco de dados do CNPq.

Por fim, embora a menção a prosadores seja dominante em ambas as listas, um número consideravelmente maior de poetas comparece no banco de dados do CNPq.

Literatura ou cultura? Ou: isto e aquilo

Uma pergunta muito importante do questionário indaga: “Tem algum tema de preferência?”

Eis as respostas mais citadas:

Cinema – 88

Cultura Brasileira – 72

Tradução – 62

Criação literária – 43

Música Popular – 49

Ficção em geral – 48
Artes Plásticas – 44
História do Brasil – 38
Música – 36
Poesia brasileira em geral – 36
História do Brasil – 28

Num primeiro momento, o resultado é certamente inesperado. Ora, o projeto é dedicado à cartografia da presença da *literatura brasileira no exterior*, com ênfase para a literatura contemporânea. No entanto, no tópico “tema preferido”, *criação literária* ocupa o quinto lugar; *ficção em geral*, o sétimo; e *poesia brasileira em geral*, o décimo. Em alguma medida, é como se o próprio objeto do mapeamento, *literatura brasileira no exterior*, tivesse sido sumariamente substituído por outros tópicos de estudo, como se a universidade tivesse abraçado o fenômeno decisivo no plano da história cultural nos últimos dois séculos: o deslocamento do texto impresso do centro da transmissão dos valores para os meios, inicialmente, audiovisuais, e hoje em dia, sobretudo digitais.

Como entender esse dado, em princípio desconcertante?

Um indício pode ser encontrado em outro item do questionário. Vejamos como os mapeados definem a área de conhecimento de seus “Temas de pesquisa”, isto é, não de assuntos *favoritos*, porém de tópicos de *trabalho*:

Literatura brasileira em geral – 95
Tradução – 58
Cultura brasileira – 42
Literatura comparada – 41
Cinema – 37
Literatura e identidade – 33
Literatura latino-americana – 33
Literatura contemporânea – 29
Criação literária – 24
Gênero e sexualidade na escrita – 24
Literatura Luso-Afro-Brasileira – 23

História do Brasil – 23

Portanto, seria um equívoco assumir uma atitude nostálgica, “lamentando” o “eclipse” dos estudos literários. Na verdade, os mapeados que apontam como tema preferido cinema, música popular, etc., *também pesquisam e ensinam literatura brasileira* – alguns mesmo são tradutores. Logo, não se verifica *o abandono puro e simples da literatura como objeto de estudos, mas o privilégio crescente de uma atmosfera interdisciplinar e comparativa.*

Esse ponto deve ser destacado: em lugar do perfil tradicional do “brasilianista” que se especializava em literatura brasileira, hoje em dia, cada vez mais, *o perfil dominante é o do “brasilianista” que trabalha com a literatura não exclusivamente, mas como um de seus objetos de estudo.* Essa percepção, solidificada pela análise dos projetos de pesquisa dos mapeados até o momento, exige um novo entendimento da *presença da literatura brasileira no exterior.* Em palavras diretas: sua difusão será tanto mais exitosa quanto mais relacionada com outras formas de manifestação cultural.

De igual modo, esse traço ajuda a entender o novo tipo de profissional que se forma nas universidades estrangeiras, especialmente na academia norte-americana. No passado, em geral, reitere-se, o “brasilianista” dedicava-se aos estudos brasileiros quase sempre de forma exclusiva. Hoje em dia, sobretudo entre os representantes das gerações mais jovens (nascidos a partir da década de 1960), *o modelo que predomina é o dos estudos latino-americanos, em chave comparativa* – tal aspecto demanda a ampliação do horizonte do mapeamento. Vale dizer, em muitos casos, jovens professores trabalham com a literatura brasileira não como o objeto principal de suas pesquisas, porém como termo de comparação. Desse modo, ao contrário do que uma visão nostálgica acreditaria, não se trata de um declínio dos estudos de literatura brasileira no exterior, mas de uma nova maneira de estudá-la.

Eis, precisamente, o alvo do banco de dados do “Conexões – Itaú Cultural”: fotografar a emergência desse fenômeno no instante mesmo em que ganha corpo e se torna dominante.

Por um novo “brasilianismo”?

Em importante artigo acerca do tema, Fernanda Peixoto Massi esclareceu a origem do vocábulo “brasilianismo”:

Brasilianista é termo que (ainda) não faz parte de nenhum dicionário, mas que todos por aqui sabem o que significa. De modo literal, refere-se ao especialista estrangeiro em assuntos brasileiros. Trata-se de uma noção cunhada no Brasil, usada pela primeira vez em 1969 por Francisco de Assis Barbosa em apresentação ao livro de T. Skidmore, *Brasil: de Getúlio a Castelo*, ainda que alguns atribuam sua origem à imprensa dos anos 70.⁵

Contudo, hoje em dia, *a necessidade de renovar radicalmente a noção de “brasilianista” revela-se indispensável*. Este ponto é central e representa uma das principais contribuições do projeto “Conexões Itaú Cultural”.

O Dicionário Houaiss incorporou o termo, definindo-o assim: *brasilianismo*: “estudo de ou especialização em temas brasileiros (esp. por parte de estrangeiros)”. Por extensão, a voz *brasilianista* pode ser dicionarizada desse modo: “diz-se de ou estrangeiro especializado em assuntos brasileiros”. Ora, tal definição supunha certa desconfiança em relação à própria atividade de pesquisa da cultura brasileira por parte de estrangeiros, isto é, sobretudo, por parte de pesquisadores norte-americanos.⁶

Nas últimas duas décadas, porém, houve uma mudança acentuada no perfil do estudioso de literatura brasileira no exterior. Ou seja, muito mais do que nas décadas anteriores, hoje em dia o “brasilianista” bem pode ser um “brasileiro” radicado no exterior. *Esse fato pode ser considerado um dos dados mais inovadores do mapeamento desenvolvido neste projeto*.

Tal circunstância implica transformações de grande alcance, pois a perspectiva dos estudos no exterior conheceu uma aproximação inédita com a abordagem dominante nas universidades brasileiras. Daí, a similaridade na lista dos autores mais citados – como vimos acima. Porém, daí também, a diferença no destaque concedido à obra de Jorge Amado no mapeamento do “Conexões – Itaú Cultural”, em oposição ao olvido verificado no banco de dados do CNPq.

Compreende-se, então, outro dado extraído dos questionários: muito mais do que “divulgação” da literatura e cultura brasileira, a contribuição atual dos “brasilianistas”

⁵ Fernanda Peixoto Massi. “Brasilianismos, ‘brazilianists’ e discursos brasileiros”. *Estudos Históricos*, volume 3, número 5, 1990, p. 29.

⁶ No X Encontro da BRASA, em julho de 2010, Moacyr Scliar recordou que essa desconfiança foi parcialmente alimentada pelo clima de repressão política, dominante na época.

caracteriza-se pela produção de conhecimento; produção beneficiada pelo olhar de quem se encontra relativamente distante; olhar, pois, de torna-viagem.

Eis, por fim, a surpresa maior: “brasilianistas”, dedicados ao ensino e à pesquisa da literatura brasileira no exterior, levam adiante e aprofundam a “lírica do exílio”, definidora da poética romântica no Brasil, inventando assim uma continuidade complexa entre sua posição e o ponto de vista de tantos artistas e intelectuais que, à distância, descobriram o Brasil. Evoca-se, nesse sentido, a galeria ilustre dos homens de letras e artistas que, do alto da Place Clichy, descobriram, deslumbrados, a própria terra.⁷

Como resultado do trabalho realizado, portanto, temos a oferecer nada menos do que um novo conceito de “brasilianista”, com todas as suas consequências no tocante ao estabelecimento de estratégias de difusão da literatura brasileira no exterior.

⁷ Estou adaptando a célebre tirada de Paulo Prado: “Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy – umbigo do mundo – descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreendente de que o Brasil existia”. Paulo Prado. “Poesia Pau-Brasil”. Oswald de Andrade. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 1990 [1925], p. 57.